

## **A partilha da moda através de um olhar centrado no uso**

**Julia Valle-Noronha**

Department of Design, Aalto University, School of Arts, Design and Architecture. Otaniementie 14, 02150. Espoo, Finland; julia.valle@aalto.fi

**Resenha de: Fletcher, K. 2016. *Craft of Use. Post-Growth Fashion*. London: Routledge.**

Palavras-chave: moda, sustentabilidade, artesanaria de uso, moda e sociedade

*The distribution of fashion through a gaze centred on use. Review of: Fletcher, K. 2016. Craft of Use. Post-Growth Fashion by Kate Fletcher. London: Routledge, 2016.*

*Keywords: fashion, sustainability, craft of use, fashion and society*

“A artesanaria do uso começa com as pessoas”<sup>1</sup> (Fletcher, 2016, p. 272)

Discutir possibilidades sustentáveis para um sistema que sozinho se responsabiliza por cerca de um quarto das emissões químicas e um quinto da poluição industrial em águas mundialmente é uma tarefa sem fronteiras. Após diversas publicações focadas em como designers de moda criam, produzem e comercializam suas produções, Kate Fletcher oferece um olhar amplamente compartilhado com os usuários em “*Craft of Use. Post-Growth Fashion*” (traduzido aqui como “Artesanias do Uso. Moda na era pós-crescimento”), descentralizando a discussão. Nesta publicação a autora abraça o discurso de diferentes indivíduos, em diferentes culturas, sobre como eles entendem, significam e ressignificam as roupas que usam. Ela parte de cerca de 500 entrevistas, parte do projeto *Local Wisdom* (Local Wisdom, 2017), feitas ao longo de mais de cinco anos. O projeto foi desenvolvido em grandes e pequenas cidades pelo mundo para compartilhar com o leitor histórias, estratégias, propostas e questionamentos sobre quais caminhos a moda poderia tomar em direção a um futuro mais ético e em equilíbrio com as ecologias que nos cercam.

O título desta resenha toma emprestado dois textos: *A partilha do sensível* de Jacques Rancière (2011) e a ideia central do livro que resenho aqui. A razão para trazer Rancière, apesar de não mencionado em “*Craft of Use*”, é o aspecto político que esta publicação toca. Através das narrativas de diversas pessoas sobre o que vestem seus corpos, Kate Fletcher aponta para o que se tornou uma necessidade pulsante na moda: reconhecer o papel (e o poder) político que indivíduos carregam consigo em suas formas de se relacionar com suas roupas. Ao trazer à tona estas narrativas, as diversas práticas de vestir se tornam distribuídas, visíveis, ‘comuns’. A partir desta mudança de perspectiva, Fletcher aponta para novas possibilidades que podem trazer agência e visibilidade às práticas não-industriais, compartilhando influências e reconhecimento com pequenos designers e manifestações vernaculares. E é exatamente neste ponto que ela toca a era pós-industrial e pós-crescimento em que nos situamos hoje. Esse momento em que o sistema da moda, que se baseia amplamente em práticas não-éticas, começa a ser contestado por movimentos que emergem de direções tanto externas quanto internas a ele. O caráter não acadêmico, e muitas vezes poético, da escrita de Kate Fletcher é bem vindo. Ele convida pesquisadores, profissionais e o público em geral a discutir questões de sustentabilidade da moda pela perspectiva não de quem a faz e dita, mas de quem a vive e experiencia.

O livro é escrito de forma a permitir leituras por abordagens diversas, facilitando o acesso para um público maior. Dividido em sete capítulos, organiza relatos de pessoas e suas roupas em temas, que são discutidos e ilustrados por imagens e trechos das

---

<sup>1</sup> Tradução da autora. No original: “The craft of use starts with people”.

entrevistas e por projetos de estudantes e criadores. No primeiro capítulo a autora apresenta o projeto *Local Wisdom*, a metodologia adotada e justifica sua motivação através de exemplos negativos que a indústria da moda nos trouxe nos últimos anos, como o acidente de Rana Plaza em abril de 2013. Ela também aponta para a dificuldade de se propor soluções efetivas para as plurais questões que a moda enfrenta no presente. O conceito de economia 'pós-crescimento' é introduzido junto a propostas de economistas para produções desaceleradas e mais respeitosas ao meio ambiente. Fletcher conclui que, talvez, voltar o olhar para as pessoas e como elas lidam com o que vestem seja uma alternativa possível. Para que seja possível, no entanto, dar visibilidade a estas práticas é essencial.

No segundo capítulo: Consumismo, Sustentabilidade e Moda (*Consumerism, Sustainability and Fashion*) a questão da constante reinvenção de tendências é discutida por um viés econômico e social. De um lado, a queda de preços e o aumento do consumo nos distanciaram do conhecimento sobre construção e qualidade de roupas. Do outro, relatos pessoais apontam que apesar do que 'dita' a indústria da moda, as pessoas continuam a exercer agência sobre o que vestem, criando soluções para que essas conexões não sejam perdidas. O capítulo é concluído com perguntas sobre como podemos embutir mais conhecimento no design de roupas para alterar o sistema da moda.

Uma história pessoal que compara a observação de pássaros em seu ambiente natural com a leitura sobre os mesmos inicia uma discussão acerca de como as roupas devem ser observadas e estudadas enquanto usadas por pessoas reais, no mundo real. O capítulo *Materia em Movimento (Matter in Motion)* sugere que as roupas, assim como outros objetos de design, são matéria em constante movimentação e mudança, e levar em consideração o contexto onde se inserem é de extrema importância. Trabalhos de alunos da Designskolen Kolding (Dinamarca) e London College of Fashion (Inglaterra) são apresentados. Neles, as peças propõem espaço aberto para alterações e modificações ao longo do uso, convidando o usuário a se engajar mais intensamente neste fluxo onde as roupas ganham vida ao longo do tempo.

A perda do conhecimento sobre as práticas e matérias da moda é discutida novamente em *Cuidado, materiais e seus usos (Attentiveness, materials and their use)*, mas agora com foco na qualidade da matéria têxtil. Ao ler este capítulo, me lembrei das conversas com minha avó, que apesar de jamais ter estudado moda ou engenharia têxtil, conseguia distinguir composições de roupas com um breve toque. Conhecimento bastante comum e compartilhado com os pares de sua geração, já totalmente perdido na minha. Aqui, Fletcher traz as propostas das filosofias de um novo materialismo, ou verdadeiro materialismo. Estas linhas de pensamento apontam que, em um mundo realmente materialista, a matéria seria observada, estudada, refletida e tratada com cuidado. Essa linha filosófica, apesar de recente, vem ganhando força no campo da sustentabilidade e, no último ano, também na

moda<sup>2</sup>. Relatos sobre peças nunca lavadas e experiências em manutenção ilustram como podemos incorporar este olhar filosófico em nosso dia a dia.

Longevidade e durabilidade de materiais são abordados no quinto capítulo; Durabilidade, design e uso estendido (no original *Durability, design and enduring use*). Aqui a valorização da idade de uma peça de roupa é apresentada com exemplos onde o tempo se fez presente através de pátinas, marcas, esgarçados e alterações de cor. Para suportar o tempo, no entanto, matéria prima de alta qualidade é necessária, bem como uma mudança em como percebemos 'roupas velhas'. A busca incessante pelo novo na indústria da moda nos fez rejeitar essas impressões do tempo (Cronberg, 2014). Mas o resgate da sua valorização é possível, podendo ser exemplificado pela valiosa técnica japonesa 'boro', onde tecidos são remendados constantemente com linha, criando belas texturas em superfícies.

O sexto capítulo aborda capacidades e agência dos usuários de moda, focando especialmente em uma moda participativa. Usos compartilhados e propostas de projetos em design participativo para moda surgem como exemplos de como consumidores e designers podem ganhar mais agência ao estreitar relações com suas comunidades. O último capítulo traz um breve apanhado dos temas discutidos e apresentados ao longo do livro, e convida o leitor a se atentar também ao rico universo de diferentes usos e apropriações da moda.

De uma forma geral, o que interessa aqui em particular é como práticas cotidianas podem fazer emergir discussões tão profundas quanto as mencionadas acima. Dessa forma, a autora aponta para a necessidade de um olhar mais cuidadoso para as 'artesanias de uso', quase sempre ignoradas pela indústria da moda. Em torno desta observação, Fletcher levanta questões sobre como pequenas ações individuais podem ressonar práticas tanto de uso quanto de design. Para os designers de moda independentes, a pesquisa e comentários de Fletcher são recebidos como um respiro. Uma brecha para possibilidades que vão além da moda centrada no comercialismo, definida pela autora como 'moda comercial' ou 'moda consumista', onde o contato pessoal, as irregularidades na produção e o distanciamento de tendências ganham valor e espaço. Tal movimento na era pós-crescimento também foi discutido por Lawrence Lenihan (BoF, 2017), que vê nos pequenos designers o real futuro da moda.

A talvez desconfortável ênfase antropocentrista para alguns é aliviada pela apresentação de novas perspectivas em economia e filosofia centradas na matéria. Essa discussão traz ao leitor a possibilidade de expandir a percepção dessas 'artesanias' como exercidas não apenas pelos usuários como também possibilitadas e motivadas pelas qualidades da matérias. Através deste olhar, Fletcher compartilha agências com outras ecologias não-humanas. Outro ponto a ser levantado é que, apesar de ampla, a pesquisa restringe o olhar a alguns países com alto índice de desenvolvimento (Dinamarca, Noruega, Canadá,

---

<sup>2</sup>Para conhecer mais sobre esta discussão no campo da moda ver Bruggeman (2018), Smelik (2018) e Valle-Noronha e Wilde (2018).

Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos), o que certamente impõe limites às artesanias de uso coletadas. Abrir a discussão englobando também outros territórios com diferentes situações econômicas e culturais poderia trazer um novo olhar sobre práticas tidas no texto como oportunidades em design. Muitas dessas práticas são intrínsecas aos indivíduos em países do hemisfério Sul, como o Brasil. Essa re-configuração de perspectiva poderia contribuir para discussões mais ricas no tema, trazendo à tona questões em torno de precariedade e design vernacular, descentralizando também geograficamente os discursos em moda e ecologia.

## Referências

- Bruggeman, Daniëlle. *Dissolving the Ego of Fashion. Engaging with Human Matters*. Arnhem: ArtEZ Press, 2018.
- Cronberg, Anja. Editor's Letter. *Vestoj on Slowness*. London, 2014.
- Fletcher, Kate. *Craft of Use. Post-Growth Fashion*. London: Routledge, 2016.
- Fletcher, Kate. *Sustainable Fashion and Clothing. Design Journeys*. Earthscan: Malta, 2008.
- Lenihan, L. 2017. How Small Will Beat Big and Save the Fashion Industry. *In Business of Fashion*. Acessado em 19 de Junho, 2017:  
<https://www.businessoffashion.com/articles/opinion/lawrence-lenihan-resonance-how-small-will-beat-big-and-save-the-fashion-industry>
- Local Wisdom. 2017. *Local Wisdom*. Acessado em 19 de Junho, 2017:  
<http://www.localwisdom.info/>
- Rancière, J. 2011. *The Politics of Aesthetics: The Distribution of the Sensible*. New York: Continuum International Publishing Group.
- Smelik, A. 2018. New materialism: A theoretical framework for fashion in the age of technological innovation. *The International Journal of Fashion Studies* Vol. 5, No. 1: 33-54.
- Valle-Noronha, J. e Wilde, D. 2018. Wardrobe Interventions: Making visible the agency of clothes. *dObra[s]*, Vol. 11, No. 23: 197-217.